

**LITERATURA COMPARADA E INTERTEXTUALIDADE.
Saramago e Patativa do Assaré:
O homem faz do mundo um texto para produzir sentido**

**COMPARATIVE LITERATURE AND INTERTEXTUALITY.
Saramago and Patativa do Assaré:
Man makes the world into a text to produce meaning**

DÓRIS HELENA SOARES DA SILVA GIACOMOLLI ¹

¹Aluna do Programa de Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Federal de Pelotas, Brasil, sob orientação do professor José Carlos Volcato. (e-mail: dorishssg@gmail.com)

(...) Integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) invadiram na manhã desta quarta-feira (31.07.2013) a fazenda Santo Henrique, na região de Borebi (a 309 km de São Paulo), no interior de São Paulo. (...) Essa é a quinta vez que a fazenda Santo Henrique é invadida em quatro anos. (...) Em nota, a Cutrale diz que "já demonstrou a legalidade na aquisição da propriedade e está tomando as devidas providências para que a posse da propriedade seja reintegrada". Segundo a empresa, cerca de 500 colaboradores estão impedidos de trabalhar devido à invasão da área. "A empresa lamenta a nova invasão à propriedade agrícola, que gera centenas de empregos diretos, apresenta alta produtividade e resulta em benefício para toda a região", afirma. Em nota, a Cutrale afirma que obteve nova liminar que garante a reintegração de posse imediata da fazenda, concedida pela Justiça de Lençóis Paulista. Até as 18h de ontem, integrantes do MST ainda estavam na fazenda Santo Henrique. Segundo a Polícia Militar, o movimento pediu um prazo de 24h para sair do local. A fazenda Santo Henrique ficou conhecida nacionalmente pelo histórico de invasões e depredações. Em 2009, após a primeira invasão, a polícia filmou pessoas passando com um trator sobre os pés de laranja. Na época, o MST atribuiu a depredação a pessoas "infiltradas". Em junho deste ano, paredes e máquinas da fazenda foram pichadas e laranjas foram jogadas no chão, formando mensagens contra o uso de agrotóxicos. O MST diz que o objetivo das ações "nunca foi causar destruição ou vandalismo" e que foi alvo de uma "campanha negativa para esconder os verdadeiros atos criminosos praticados pela Cutrale". (Fonte: *Jornal Folha de São Paulo*, 31 de julho de 2013 - *on-line*¹).

¹ Disponível em <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/07/mst-volta-a-ocupar-fazenda-da-cutrale-no-interior-paulista>>. Consulta em 15.09.2014 às 21.53.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir as concepções de texto e discurso, conceitos usados como ponto de partida para a reflexão acerca da intertextualidade e interdiscursividade, à luz da teoria bakhtiniana. Os textos escolhidos foram o poema *A terra é natura* de Patativa do Assaré e o texto/prefácio escrito por José Saramago para o livro *Terra* de Sebastião Salgado, autores que se abastecem da cultura popular a fim de comporem textos que dialogam e se complementam. Vamos analisá-los sob a luz dos pressupostos de Tânia Franco Carvalhal sobre literatura comparada. Este artigo refere-se à intertextualidade entre as duas obras e ao tema presente tanto numa como na outra: a questão da terra, problema que aflige a contemporaneidade e permanece longe de ser resolvido. Estes dois escritores assemelham-se, ao se solidarizarem com essas vozes das minorias. A herança cultural deixada por muitos homens nesta luta desigual por um lugar para se fixarem expressa-se e concretiza-se nas obras destes artistas, que se fazem transmissores dessa memória.

Haverá ainda uma abordagem referente à oralidade nos dois autores, tendo em vista que o poema em questão e o texto de José Saramago são essencialmente orais.

Palavras-chave: literatura comparada, intertextualidade, Saramago, Patativa do Assaré, terra.

Abstract

This paper aims to discuss the concepts of text and discourse, concepts used as a starting point for a reflection about intertextuality and interdiscursivity, in the light of Bakhtin's theory. The texts chosen were the poem *A terra é natura* (*The land is natural*) by Patativa do Assaré and the text/foreword written by José Saramago for the book *Terra* (*Land*) by Sebastião Salgado, authors who feed themselves from popular culture in order to compose texts that dialogue and complement each other. They will be analysed in the light of Tânia Franco Carvalhal's assumptions of comparative literature. The paper concerns the intertextuality between the two works and the topic present in both: the question of the land, a problem that distresses the contemporary world and remains far from being solved. These two writers resemble each other by showing solidarity with those voices from the minorities. The cultural heritage left by many men in this

unequal struggle for a place where they can settle expresses and manifests itself in the works of these artists, who become the transmitters of that memory.

There will also be an approach related to orality in both authors, considering that the poem in question and the text by José Saramago are essentially oral.

Keywords: comparative literature, intertextuality, Saramago, Patativa do Assaré; land.

Introdução

Para a realização deste trabalho, será observada a seguinte metodologia: apresentaremos pressupostos da literatura comparada de Tânia Franco Carvalhal (2006), assim como o pensamento de Bakhtin (2002) a respeito das relações dialógicas entre textos. Este trabalho também pretende rever alguns conceitos sobre a intertextualidade confrontando um poema de Patativa do Assaré², *A terra é naturá* (2008) com o texto de José Saramago (1997a) referindo-se ao acontecimento de 17 de Abril de 1996, no Pará (em Eldorado dos Carajás), quando 155 soldados mataram um grupo de sem-terras, texto esse que serviu de prefácio ao livro *Terra* de Sebastião Salgado.

A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes. (Carvalhal, 2006: 7-8).

Todo o texto é um “mosaico de citações”, isto é, “o texto literário é uma rede de conexões” (Samoyault, 2008: 13). O texto de José Saramago contém alguns pontos que fazem parte da trama do poema de Patativa, pontos esses que serão analisados procurando-se as relações entre eles:

A compreensão do texto literário nessa perspectiva conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles.

² Patativa do Assaré era o nome artístico (pseudônimo) de Antônio Gonçalves da Silva, nascido em 5 de março de 1909 e falecido no dia 8 de julho de 2002. O apelido de Patativa deve-se a um pássaro de lindo canto. Nesta época, começou a viajar por algumas cidades nordestinas para se apresentar como violeiro.

Essa é uma atitude de crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparatista, fazendo com que não estacione na simples identificação de relações mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geraram essas relações. (Carvalho, 2006: 52).

Procurar-se-ão vínculos e características peculiares entre os textos:

Dito de outro modo, o comparatista não se ocuparia a constatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele de alguma forma (passiva ou corrosivamente, prolongando-o ou destruindo-o), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. (Carvalho, 2006: 52).

A arte e a beleza existem em tantas formas como a música, os desenhos, as cores, e a literatura. Tantos escritores, tantos mundos criados por eles. Tantas palavras que os escritores colocam no papel criando tantos universos ficcionais. Temos diversas possibilidades de textos e linguagens. Ao escolher essas diferentes linguagens neste trabalho, observamos que os dois textos têm em si uma grande marca de oralidade, ainda que se apresentem em forma escrita. Ambos parecem pedir uma verbalização. “Desse modo, ao lermos um texto, estamos lendo, através dele, o gênero a que pertence e, sobretudo, os textos que ele leu (aí não exclusivamente literários)”. (Carvalho, 2006: 55).

Os dois trabalhos aqui propostos são postos a dialogar entre si, perpassados pela intertextualidade, através dos mesmos sentimentos definidos com exatidão, que afloram pelas duas obras. Trata-se de um poema que lê outro poema, já que o texto de Saramago pode ser considerado um poema em prosa: “A intenção aqui não é de rastreio, é de leitura intertextual. Vemos que um poema lê outro e queremos saber como e por quê.” (Carvalho, 2006: 55).

O comparatista deve postar-se num domínio multinacional e multicultural, não aceitando limitar-se a um contexto nacional e unilíngue,

(...) os estudos literários comparados não estão apenas a serviço das literaturas nacionais, pois o comparatismo deve colaborar decisivamente para uma história das formas literárias, para o traçado de sua evolução, situando crítica e historicamente os fenômenos literários. (Carvalho, 2006: 55).

A História do mundo e a herança cultural de muitos homens refletem-se nas obras dos artistas que tentam encarar a vida com um jeito especial, expressando o seu modo de enfrentar o mundo em que vivem (com palavras) e o contexto no qual estão inseridos. Assim,

(...) o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de parença" entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparatista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente. (Carvalho, 2006: 56).

Uma comparação entre o texto de Saramago (1997a) e o poema de Patativa (2008) revela-se importante, na medida em que nos possibilita esclarecer semelhanças e diferenças que eventualmente possam existir entre tendências artísticas, destacar as características literárias próprias que as inserem no mundo contemporâneo, bem como as inquietações e os conflitos dos dias atuais. Ambos foram, nas obras selecionadas, intérpretes do plantador e da sua luta para ter onde plantar e o que colher, do ponto de vista do homem do campo, daquele que não possui:

Em síntese, o comparatismo deixa de ser visto apenas como o confronto entre obras ou autores. Também não se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma literatura faz de outras. Paralelamente a estudos como esses, que chegam a bom término com o reforço teórico-crítico indispensável, a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim, a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais. Por outro lado, pela natureza da disciplina, ocupa-se com elementos que a crítica literária habitualmente não considera: correspondências, literatura de viagens, traduções. No entanto, ao explorá-las, atua criticamente. É desse modo que a

literatura comparada se integra às demais disciplinas que ainda mais além, ao perguntar por que determinado texto (ou vários) são resgatados em dado momento por outra obra. (Carvalho, 2006: 56).

A importância da intertextualidade para a literatura comparada encontra-se no facto de o intertexto ser inerente à obra. A intertextualidade, enquanto concepção de um texto a partir de um outro texto já existente, revela-se imprescindível, como procedimento para a verificação das relações dialógicas entre textos, e é, por isso, a mais marcante propriedade da produção literária, especificando que os textos não dialogam entre si, mas são postos em diálogo pelo leitor. Todo o texto é um trabalho de citação; é toda e qualquer reflexão que busque produzir sentido do homem com o mundo. A intertextualidade passa a ser a atualização da intertextualidade pelo próprio leitor. A literatura, sendo a memória do mundo, deve à intertextualidade a possibilidade de ficarmos a saber disso, já que é ela que nos permite conhecer a memória da literatura. A intertextualidade não é algo que exista *a priori*; pode ter funções diferentes, que dependem muito dos textos e dos contextos em que ela é inserida e o seu reconhecimento está ligado ao "conhecimento do mundo", devendo esse conhecimento ser compartilhado, ou seja, comum ao produtor e ao receptor do texto em causa. Ela é a interpretação do mundo e só pode ser interpretada pelo leitor, que tem uma bagagem de conhecimentos e percepções incomparáveis, produzidos e adquiridos através da sua atuação nesse mundo, por via das suas experiências pessoais. A sua bagagem cultural, o seu *background* e as suas condições cognitivas são únicas. Portanto, a maneira como o discurso do outro integra o discurso do "eu" é única, não se repete e, por isso, a externalização desse discurso é única também. Então, aquele não encontra esse "eu" "vazio" de um discurso interno; porque este "eu" também teve as suas experiências únicas, que fazem parte, por sua vez, da sua própria bagagem cultural.

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário, um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar de "fundo perceptivo", é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. (Bakhtin, 2002: 147).

Não há dificuldades em se perceber a intertextualidade; o problema é estabelecer a sua relevância para a compreensão dos fenómenos investigados. Durante a evolução dos estudos, muitos foram os teóricos e estudiosos que perceberam

dificuldades e falhas e contribuíram para a sua solução, desenvolvendo a teoria; muitos são os autores que discutem e teorizam o fazer literário e as questões de autoria. Nesse sentido, eles elaboraram definições e tentaram compreender as relações, ainda que persistisse a questão teórico-operacional.

Há muitas teorias que suportam a prática comparatista. Mikhail Bakhtin (2002) foi quem primeiro sistematizou o estudo da intertextualidade, apesar de não ter gerado esse termo. Bakhtin é a grande figura na origem dos atuais estudos de intertextualidade. Os seus estudos antecedem em quase cinquenta anos as orientações da linguística moderna; o seu método antecipa os pressupostos da análise do discurso e da semiótica, além dos estudos na área da sociolinguística.

Durante um considerável período de tempo, estudos de fontes e influências era a designação pela qual eram conhecidos os estudos sobre as relações que se estabeleciam entre textos. Note-se que essas relações podem ou não ocorrer em diversas áreas do conhecimento, não se restringindo única e exclusivamente a textos literários: “Em todo texto, a palavra introduz um diálogo com outros textos” (Samoyault, 2008: 18).

A intertextualidade entende o texto como tecido, trama, não mais como um mero conjunto de fontes e influências que se escondem sob as vestes finas das palavras. O estudo dessas influências revelou-se desde cedo bem pouco funcional, uma investigação bastante estéril e inútil, ligada muito mais a fatores históricos do que literários, que causavam a perda do valor do novo texto, fazendo com que este ficasse em posição degradante em comparação com o hipotexto. Esse primeiro texto era considerado bom e o segundo diminuído porque acusado de referir o primeiro e portanto não ser original; o texto primeiro era supervalorizado em detrimento do novo, que era diminuído e acusado de não original, um texto de segunda mão. O discurso de outrem se integra no novo discurso, fazendo parte da sua construção sintática, conservando, inclusive, a sua autonomia estrutural e semântica. Sendo um discurso autônomo, ele é identificado como tal pelo falante, que o faz ser parte complementar do contexto narrativo, elaborando leis e composições próprias - embora se trate de construções consistentes e não oscilantes da própria língua - para assimilar esse discurso sem que ele perca a sua natureza de discurso de outra pessoa, o que faz com que a relação estabelecida entre os discursos, na sua forma de transmissão, seja uma relação ativa; discursos que dialogam entre si, no interior de uma mesma enunciação, emitida por uma só pessoa.

Mikhail Bakhtin afirma que toda enunciação é, de certa forma, dialógica, “É a forma por excelência do imaginário” (Bakhtin, 2002: 182);

Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. (Bakhtin, 2002: 261).

Bakhtin diz que a pessoa que fala e o seu discurso aspiram a uma significação social e a uma difusão.

No nosso discurso do dia-a-dia, aproximadamente metade das nossas palavras pertencem a outros e são identificadas como não pertencentes a nós mesmos. Transmitimo-las em variados níveis de exatidão e de parcialidade.

O discurso de outro alguém no interior do nosso próprio discurso sofrerá sempre alguma alteração quanto ao seu significado, ainda que não seja essa a nossa intenção:

A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso. (Bakhtin, 2002: 141).

Bakhtin (2002) foi o primeiro a introduzir na teoria literária a noção de intertextualidade:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla (...) a *palavra literária* não é um *ponto* (um sentido fixo), mas um *cruzamento de superfícies* textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior. (Bakhtin, 2002: 142).

A teoria bakhtiniana traz para a escrita a noção de vozes e de polifonia. As possibilidades abertas pela presença da polifonia enriquecem a obra a partir do diálogo de vozes que se instaura, representando um confronto de ideologias que pode ocorrer entre personagens; ideias; gênero e discurso, proporcionando-nos o acesso à fala do outro, à sua voz, à manifestação das suas ideias. Os princípios fundamentais do método bakhtiniano são os estudos que tratam das relações dialógicas entre os textos literários,

no discurso literário e na linguagem – aquilo que mais tarde seria designado por *intertextualidade*. Importa referir que a intertextualidade é uma forma de relação que foge ao que por muito tempo foi convenção nos estudos comparatistas. Longe de ser um cotejamento de textos buscando as “coincidências”, as influências de um autor “precursor” no seu “seguidor”, longe ainda de ser o estudo das fontes que influenciaram e deram origem a um epígono, hoje os estudos de intertextualidade ampliaram-se, dando origem a uma noção mais produtiva. Literatura é intertextualidade.

Atualmente, o objeto de estudo da literatura comparada foi ampliado, não sendo mais o mero confronto de dois autores de nacionalidades diferentes. O que se procura é uma comparação feita a diversos níveis: entre literatura e literatura, entre literatura e arte, entre literatura e ciências sociais e assim por diante. Com os estudos culturais, caracterizados pelo diálogo com diversas áreas das ciências humanas e pelo discurso das minorias políticas, o cânone foi desafiado, pois passou também a valorizar-se a produção marginal, promovendo a voz recalcada do outro, do subalterno (o negro, o pobre, o sem-terra, a mulher, o homossexual), questões que nada interessavam à crítica tradicional.

A Oralidade em Saramago

Uma das características mais marcantes da criação romanesca do escritor português José Saramago é a reconstituição da oralidade na sua escrita. Ele recupera a tradição oral, como se alguém estivesse a contar uma história a ouvintes e não leitores, ou seja, um contador de histórias. Recupera a velha figura de quem, em frente ao fogo, lia para toda a família, quando nem todos sabiam ler, ou de uma Sheherazade que contava uma história e nessa emendava uma outra, para salvar a sua vida. A supressão total ou parcial de pontuação decorre do caráter oral da sua prosa. Saramago comenta as características da sua técnica narrativa, que segundo ele:

... provêm de um princípio básico segundo o qual todo o dito se destina a ser ouvido. Quero com isso significar que é como narrador oral que me vejo quando escrevo e que as palavras são por mim escritas tanto para serem lidas como para serem ouvidas. Ora, o narrador oral não usa pontuação, fala como se estivesse a compor música e usa os mesmos elementos que o músico: sons e pausas, altos e baixos, uns, breves ou longas, outras. (Saramago, 1997b: 223)

Saramago diz, em *Cadernos de Lanzarote* (1997b) que, além de abster-se da pontuação como um recurso estilístico, fá-lo também para se aproximar da oralidade.

No trecho abaixo é visível a maneira peculiar como o prêmio Nobel da Literatura usa a pontuação na sua escrita. Importa salientar que o autor redescobre sentidos esquecidos nas palavras que o nosso uso quotidiano acabou por desgastar, bem como a forma como dialoga com os textos bíblicos:

Oxalá não venha nunca à sublime cabeça de Deus a ideia de viajar um dia a estas paragens para certificar-se de que as pessoas que por aqui mal vivem, e pior vão morrendo, estão a cumprir de modo satisfatório o castigo que por ele foi aplicado, no começo do mundo, ao nosso primeiro pai e à nossa primeira mãe, os quais, pela simples e honesta curiosidade de quererem saber a razão por que tinham sido feitos, foram sentenciados, ela, a parir com esforço e dor, ele, a ganhar o pão da família com o suor do seu rosto, tendo como destino final a mesma terra donde, por um capricho divino, haviam sido tirados, pó que foi pó, e pó tornará a ser. (Saramago, 1997a: 1)

Ao lermos, percebe-se que são palavras que foram para o papel, mas que poderiam perfeitamente serem usadas num diálogo com o leitor, sem as interrupções convencionadas pela escrita. Nos dois textos selecionados há uma referência a Deus ou uma lembrança dele com outros textos, ao inferir e referir-se a um tempo em que não havia divisão de terras, em que todos a possuíam e não havia quem passasse necessidade, bastando o suor do trabalho duro para que ninguém tivesse fome.

Dos dois criminosos, digamo-lo já, quem veio a suportar a carga pior foi ela e as que depois dela vieram, pois tendo de sofrer e suar tanto para parir, conforme havia sido determinado pela sempre misericordiosa vontade de Deus, tiveram também de suar e sofrer trabalhando ao lado dos seus homens, tiveram também de esforçar-se o mesmo ou mais do que eles, que a vida, durante muitos milênios, não estava para a senhora ficar em casa, de perna estendida, qual rainha das abelhas, sem outra obrigação que a de desovar de tempos a tempos, não fosse ficar o mundo deserto e depois não ter Deus em quem mandar. (Saramago, 1997a: 1)

Em todo o trecho acima pode perceber-se a frase característica da escrita de Saramago. Este trecho pede, segundo as regras da língua portuguesa, alguns pontos

finais, enquanto que ele o apresenta quase sem eles, cadenciando e pausando a sentença somente através das vírgulas.

Se, porém, o dito Deus, não fazendo caso de recomendações e conselhos, persistisse no propósito de vir até aqui, sem dúvida acabaria por reconhecer como, afinal, é tão pouca coisa ser-se um Deus, quando, apesar dos famosos atributos de onisciência e onipotência, mil vezes exaltados em todas as línguas e dialectos, foram cometidos, no projecto da criação da humanidade, tantos e tão grosseiros erros de previsão, como foi aquele, a todas as luzes imperdoável, de apetrechar as pessoas com glândulas sudoríparas, para depois lhes recusar o trabalho que as faria funcionar - as glândulas e as pessoas. Ao pé disto, cabe perguntar se não teria merecido mais prémio que castigo a puríssima inocência que levou a nossa primeira mãe e o nosso primeiro pai a provarem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A verdade, digam o que disserem autoridades, tanto as teológicas como as outras, civis e militares, é que, propriamente falando, não o chegaram a comer, só o morderam, por isso estamos nós como estamos, sabendo tanto do mal, e do bem tão pouco. (Saramago, 1997a: 2).

A voz expressava o saber dos tempos primórdios. Os primeiros cantos, poesias que foram compostas para serem ditas em voz alta. Homero escreveu para ser interpretado, contando com as inflexões e expressividade da voz. “Escute-se” esse dito que foi escrito para ser ouvido:

Ao pé disto, cabe perguntar se não teria merecido mais prémio que castigo a puríssima inocência que levou a nossa primeira mãe e o nosso primeiro pai a provarem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A verdade, digam o que disserem autoridades, tanto as teológicas como as outras, civis e militares, é que, propriamente falando, não o chegaram a comer, só o morderam, por isso estamos nós como estamos, sabendo tanto do mal, e do bem tão pouco. (Saramago, 1997a: 2).

Patativa e a Oralidade na sua Criação Poética

Percebe-se na poesia de Patativa do Assaré o atavismo das cantigas e cantorias de cordel; ele está completamente inserido no contexto oral, sua poesia foi feita para ser dita, ser cantada com o auxílio da viola, à moda dos antigos trovadores da idade média, já que primeiramente cantava seus poemas e só depois se tornou escritor. Do seu canto sonoro, veio seu apelido de Patativa, pássaro de canto melodioso e triste. Em 1956, escreveu seu primeiro livro de poesias *Inspiração Nordestina*. Assim como os trovadores, só depois de ser um *cantador* de suas obras Patativa teve suas “cantigas” reunidas e impressas em livros³.

Agora, “escute” a oralidade da sua poesia:

Seu dotô, que estudou munto
E tem boa inducação,
Não ignore este assunto
Da minha comparação,
Pois este pai de fãmia
É o Deus da Soberania,
Pai do sinhô e pai meu,
Que tudo cria e sustenta,
E esta casa representa
A terra que Ele nos deu;
(Assaré, 2008: 1)

Saramago e Patativa em Defesa dos que Nada Têm

O que se reforça, sobretudo, é o caráter humanista e humanitário que se deixa entrever na obra dos dois escritores. Observe-se a forte consciência social a respeito do problema grave e ainda atual que é a reforma agrária. Patativa, o pássaro a quem Patativa do Assaré deve seu apelido, é conhecido por defender com valentia seu domínio da invasão de outra ave, sendo que o macho fica no alto das copas das árvores, cantando incessantemente para demarcar o seu espaço. O poeta e escritor não fica a

³ Livros

- Inspiração Nordestina - 1956
- Inspiração Nordestina: Cantos do Patativa - 1967
- Cante Lá que Eu Canto Cá - 1978
- Ispinho e Fulô - 1988
- Balceiro. Patativa e Outros Poetas de Assaré - 1991
- Cordéis - 1993

dever nada a quem lhe emprestou o nome. Define-se e define o que significa para ele o problema da terra, em entrevista concedida a Rosemberg Cariry, no Crato, em 1979.⁴

Eu sou um caboclo roceiro que, canto sempre a vida do povo. O meu problema é cantar a vida do povo, o sofrimento do meu nordeste, principalmente daqueles que não têm terra, porque o ano presente, este ano que está se findando, não foi uma seca, podemos dizer que não foi uma seca. Lá pelo interior, mesmo no município de Assaré, lá no Assaré, tem duas frentes de serviço, com muita gente. Mas naquela frente de serviço nós podemos observar que é só dos desgraçados que não possuem terra. Os camponeses que possuem terra não sofrem estas consequências e não precisam recorrer ao trabalho de emergência, como os agregados e esses outros desgraçados trabalham na terra dos patrões. E é isso que eu mais sinto: É ver um homem que tanto trabalha, pai de família e não possui um palmo de terra. É por isso que é preciso que haja um meio da reforma agrária chegar... (Assaré, 1979).

Em versos ele guarda a memória coletiva da luta pela sobrevivência. A poesia de Patativa do Assaré⁵ sobressai como a voz dos abandonados através da história. Como que convida à luta os seres que não fazem parte da sociedade, que são chutados para lá e para cá, sem moradia fixa, sem um pedaço de chão. Patativa do Assaré canta para ajudar a defender os direitos do seu povo, pessoas importantes para Patativa do Assaré:

⁴ Entrevista concedida a Rosemberg Cariry. Disponível em: <http://patativaofilmedados.blogspot.com/2009/02/patativa-do-assare-autobiografia-eu_28.html>. Rosemberg Cariry é diretor do filme Patativa do Assaré - Ave Poesia, disponível em <<http://issuu.com/carosamigos/docs/148finalleitor/42>>. Acesso em 16.09.2014.

⁵ Poemas mais conhecidos:

- A Triste Partida
- Cante Lá que eu Canto Cá
- Coisas do Rio de Janeiro
- Meu Protesto
- Mote/Glosas
- Peixe
- O Poeta da Roça
- Apelo dum Agricultor
- Se Existe Inferno
- Vaca estrela e Boi Fubá
- Você e Lembra?
- Vou Vorá

Sinhô dotô, meu ofiço
É servi ao meu patrão.
Eu não sei fazê comiço,
Nem discuço, nem sermão;
Nem sei as letra onde mora,
Mas porém, eu quero agora
Dizê, com sua licença,
Uma coisa bem singela,
Que a gente pra dizê ela
Não percisa de sabença.

Se um pai de famia honrado,
Morre, dexando a famia,
Os seus fiinho adorado
Por dono da moradia,
E aqueles irmão mais véio,
Sem pensá nos Evangéio,
Contro os novo a toda hora
Lança da inveja o veneno
Inté botá os mais pequeno
Daquela casa pra fora.

Disso tudo o resurtado
Seu dotô sabe a verdade,
Pois, logo os prejudicado
Recorre às oturidade;
E no chafurdo infeliz
Depressa vai o juiz
Fazê. a paz dos irmão
E se ele fô justicêro
Parte a casa dos herdêro
Pra cada quá seu quinhão. (Assaré, 2008:1)

A mesma preocupação se encontra no trabalho de Saramago, que faz uma reflexão sobre como se deu a posse e divisão de terras desde os seus primórdios até à contemporaneidade, referindo que, ainda nesta luta, pessoas morrem pela posse e direito à terra. Segundo Saramago Deus expulsou o homem do paraíso e o mandou à terra para

que trabalhasse na terra e a molhasse com o suor do seu trabalho:

É certo que, a seu crédito, e para que isto não seja só um contínuo dizer mal do Criador, subsiste o facto irrespondível de que, quando Deus se decidiu a expulsar do paraíso terreal, por desobediência, o nosso primeiro pai e a nossa primeira mãe, eles, apesar da imprudente falta, iriam ter ao seu dispor a terra toda, para nela suarem e trabalharem à vontade. Contudo, e por desgraça, um outro erro nas previsões divinas não demoraria a manifestar-se, e esse muito mais grave do que tudo quanto até aí havia acontecido. (Saramago, 1997a: 2)

O fato imprevisível era que os homens iriam brigar pela terra, ainda que houvesse terra suficiente para todos sobreviverem dela:

Foi o caso que estando já a terra assaz povoada de filhos, filhos de filhos e filhos de netos da nossa primeira mãe e do nosso primeiro pai, uns quantos desses, esquecidos de que sendo a morte de todos, a vida também o deveria ser, puseram-se a traçar uns riscos no chão, a espetar umas estacas, a levantar uns muros de pedra, depois do que anunciaram que, a partir desse momento, estava proibida (palavra nova) a entrada nos terrenos que assim ficavam delimitados, sob pena de um castigo, que segundo os tempos e os costumes, poderia vir a ser de morte, ou de prisão, ou de multa, ou novamente de morte. (Saramago, 1997a: 2)

Como se o homem já não tivesse motivos suficientes para brigar e matar, agravou-se esse fato na luta por um pedaço de chão. Ao observar a vida na natureza o homem teria concluído que seria apropriado (e vantajoso) que houvesse o servo e o senhor, o que obedece e o que manda, o que nada tem e o que possui muito:

Sem que até hoje se tivesse sabido porquê, e não falta quem afirme que disto não poderão ser atiradas as responsabilidades para as costas de Deus, aqueles nossos antigos parentes que por ali andavam, tendo presenciado a espoliação e escutado o inaudito aviso, não só não protestaram contra o abuso com que fora tornado particular o que até então havia sido de todos, como acreditaram que era essa a irrefragável ordem natural das coisas de que se tinha

começado a falar por aquelas alturas. Diziam eles que se o cordeiro veio ao mundo para ser comido pelo lobo, conforme se podia concluir da simples verificação dos factos da vida pastoril, então é porque a natureza quer que haja servos e haja senhores, que estes mandem e aqueles obedeçam, e que tudo quanto assim não for será chamado subversão. (Saramago, 1997a: 2)

Estes trabalhos de Patativa e Saramago são elementos representativos de luta e valorização dos sem-terra, sem poder e sem representatividade, cotejando o mesmo tipo de sentimento e características; são homogêneos num entrelaçamento do sentido sob diversas perspectivas. As duas obras travam relações dialógicas entre si e com as múltiplas vozes que as atravessam; convergem enquanto tema, enquanto textos, discursos e linguagem, apesar de divergirem na forma (prosa e poesia).

Conclusão

Neste trabalho considerou-se o comparatismo no tocante a algumas questões que são básicas para a literatura comparada. Os estudos literários comparados já não estão apenas a serviço de uma afirmação de literaturas nacionais, estão cruzando fronteiras e superando limites e suas relações de submissão cultural. As literaturas dos mais variados países podem ser comparadas já que a literatura expulsou de seu léxico a palavra influência, deixou de procurar provas de que um autor tinha lido e se baseado no texto de outro. Hoje, os estudos chegaram a tal ponto, que se pode estabelecer uma relação entre literatura de outros países e outras artes, não só traçando um paralelo entre dois textos literários, mas começando a procurar as referências que o texto literário cria ao se amalgamar a outro ou ao meditar sobre o ponto de vista de uma outra obra.

A literatura comparada contemporânea reexaminou toda a sua terminologia, analisando o que a tem caracterizado e delimitado, revendo e delimitando seus conceitos a fim de amoldar esse campo de estudo às transformações de um mundo que prestou atenção às mais diferentes tradições e costumes que tinham se acostumado a não ter voz, a permanecer emudecidas, silenciosas por muito tempo, assistindo à hegemonia dos países europeus ocidentais.

Salientou-se os pontos de encontros entre os dois escritores. O texto de José Saramago reafirma a importância da voz dos excluídos, assim como Patativa do Assaré fala pelos marginalizados e agregados em *A terra é naturá*. Eles vêem o que ocorre ao seu redor com os que nada possuem, com o homem que somente pode dispor da sua capacidade de trabalhar para prover o seu sustento e o da sua família, ao mesmo tempo que se valem de uma linguagem que pode ser lida, mas que soa melhor quando é ouvida.

Não é Patativa do Assaré que se parece com Saramago por o ter lido. Também não se pretende dizer que José Saramago tenha lido Patativa. Os dois se assemelham por abordarem temas de formas similares, sob o mesmo ponto de vista, com a mesma preocupação social, o mesmo sentimento de perplexidade diante das injustiças e da cobiça humana, mas também por terem tido as mesmas fontes e por se terem identificado de forma a convergirem para um mesmo fazer poético, resguardando as diferenças de linguagem. Saramago é um contador de histórias e Patativa do Assaré, apesar de condensar as suas em forma de versos, também é um contador de histórias, de verdades perenes, de tristezas, de lutas e de mortes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assaré, Patativa (2008). A terra é naturá. In: *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://rapidshare.com/files/104057405/Pativativa_do_Assar__A_Terra__Natur__rar.html>. Acessado em 18.08.2013 às 19 h.
- Autobiografia de Patativa do Assaré. Disponível em: <http://patativaofilmedados.blogspot.com/2009/02/pativativa-do-assare-autobiografia-eu_28.html>. Acessado em 19.08.2014 às 13.34h.
- Bakhtin, Mikhail (2002). *Questões de Literatura e Estética – A teoria do Romance*. Trad. Aurora F. Bernadini. São Paulo: Hucitec.
- *Biografia de Patativa do Assaré*. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/biografias/pativativa_assare.htm>. Acessado em 17.08.2013 às 14 h.
- Carvalhal, Tânia Franco (2006). *Literatura comparada*. 4ª. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Ática.
- *Folha de S. Paulo de 31/7/2013* (Jornal online). MST invade fazenda Cutrale no interior de S. Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1319522-mst-invade-fazenda-da-cutrale-no-interior-de-sp.shtml>>. Acessado em 20.08.2013 às 10.10h.
- MST – Movimento dos Sem-Terra. Disponível em <www.mst.org.br/node/10125>. Acessado em 19.08.2012 às 10.55.
- Oralidade e cultura popular na escrita de José Saramago. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n.º 35 (abril de 2004). Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/035/35wpraxedes.htm>>. Acessado em 21.08.2013 às 10.52 h.
- *Patativa do Assaré e o engajamento*. Disponível em: <<http://letrastaquarenses.blogspot.com.br/p/pativativa-do-assare-e-o-engajamento.html>>. Acessado em 20.08.2013 às 16.44h.
- Patativa é do Povo. *Revista Caros amigos*, ed. 148 (junho 2009): 41. Disponível em: <<http://issuu.com/carosamigos/docs/148finalleitor/42>>. Acessado em 16.09.2014
- Samoyault, Tiphaine (2008). *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitri. São Paulo: Adernaldo e Rothschild.
- Saramago, José (1997a). Prefácio do livro *Terra*. São Paulo, Companhia das Letras.
- *Saramago, o escritor que brinca com a pontuação*. Disponível em <<http://blogues.publico.pt/ciberescritas/2010/06/23/saramago-o-escritor-que-brinca-com-a-pontuacao/>>. Acessado em 21.08.2013 às 16.18h.

Recebido: 5 de abril de 2014.

Aceite: 8 de setembro de 2014.

Anexo 1 - Texto de José Saramago. In: Prefácio do livro *Terra*, de Sebastião Salgado.

Oxalá não venha nunca à sublime cabeça de Deus a ideia de viajar um dia a estas paragens para certificar-se de que as pessoas que por aqui mal vivem, e pior vão morrendo, estão a cumprir de modo satisfatório o castigo que por ele foi aplicado, no começo do mundo, ao nosso primeiro pai e à nossa primeira mãe, os quais, pela simples e honesta curiosidade de quererem saber a razão por que tinham sido feitos, foram sentenciados, ela, a parir com esforço e dor, ele, a ganhar o pão da família com o suor do seu rosto, tendo como destino final a mesma terra donde, por um capricho divino, haviam sido tirados, pó que foi pó, e pó tornará a ser. Dos dois criminosos, digamo-lo já, quem veio a suportar a carga pior foi ela e as que depois dela vieram, pois tendo de sofrer e suar tanto para parir, conforme havia sido determinado pela sempre misericordiosa vontade de Deus, tiveram também de suar e sofrer trabalhando ao lado dos seus homens, tiveram também de esforçar-se o mesmo ou mais do que eles, que a vida, durante muitos milénios, não estava para a senhora ficar em casa, de perna estendida, qual rainha das abelhas, sem outra obrigação que a de desovar de tempos a tempos, não fosse ficar o mundo deserto e depois não ter Deus em quem mandar.

Se, porém, o dito Deus, não fazendo caso de recomendações e conselhos, persistisse no propósito de vir até aqui, sem dúvida acabaria por reconhecer como, afinal, é tão pouca coisa ser-se um Deus, quando, apesar dos famosos atributos de onisciência e onipotência, mil vezes exaltados em todas as línguas e dialectos, foram cometidos, no projecto da criação da humanidade, tantos e tão grosseiros erros de previsão, como foi aquele, a todas as luzes imperdoável, de apetrechar as pessoas com glândulas sudoríparas, para depois lhes recusar o trabalho que as faria funcionar - as glândulas e as pessoas. Ao pé disto, cabe perguntar se não teria merecido mais prémio que castigo a puríssima inocência que levou a nossa primeira mãe e o nosso primeiro pai a provarem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. A verdade, digam o que disserem autoridades, tanto as teológicas como as outras, civis e militares, é que, propriamente falando, não o chegaram a comer, só o morderam, por isso estamos nós como estamos, sabendo tanto do mal, e do bem tão pouco.

Envergonhar-se e arrepende-se dos erros cometidos é o que se espera de qualquer pessoa bem nascida e de sólida formação moral, e Deus, tendo indiscutivelmente nascido de Si mesmo, está claro que nasceu do melhor que havia no seu tempo. Por estas razões, as de origem e as adquiridas, após ter visto e percebido o que aqui se passa, não teve mais remédio que clamar mea culpa, mea maxima culpa, e reconhecer a excessiva dimensão dos enganamentos em que tinha caído. É certo que, a seu crédito, e para que isto não seja só um contínuo dizer mal do Criador, subsiste o facto irresponsável de que, quando Deus se decidiu a expulsar do paraíso terreal, por desobediência, o nosso primeiro pai e a nossa primeira mãe, eles, apesar da imprudente falta, iriam ter ao seu dispor a terra toda, para nela suarem e trabalharem à vontade. Contudo, e por desgraça, um outro erro nas previsões divinas não demoraria a manifestar-se, e esse muito mais grave do que tudo quanto até aí havia acontecido.

Foi o caso que estando já a terra assaz povoada de filhos, filhos de filhos e filhos de netos da nossa primeira mãe e do nosso primeiro pai, uns quantos desses, esquecidos de que sendo a morte de todos, a vida também o deveria ser, puseram-se a traçar uns riscos no chão, a espetar umas estacas, a levantar uns muros de pedra, depois do que anunciaram que, a partir desse momento, estava proibida (palavra nova) a entrada nos terrenos que assim ficavam delimitados, sob pena de um castigo, que segundo os tempos e os costumes, poderia vir a ser de morte, ou de prisão, ou de multa, ou novamente de morte. Sem que até hoje se tivesse sabido porquê, e não falta quem afirme que disto não poderão ser atiradas as responsabilidades para as costas de Deus, aqueles nossos antigos parentes que por ali andavam, tendo presenciado a espoliação e escutado o inaudito aviso, não só não protestaram contra o abuso com que fora tornado particular o que até então havia sido de todos, como acreditaram que era essa a irrefragável ordem natural das coisas de que se tinha começado a falar por aquelas alturas. Diziam eles que se o cordeiro veio ao mundo para ser comido pelo lobo, conforme se podia concluir da simples verificação dos factos da vida

pastoril, então é porque a natureza quer que haja servos e haja senhores, que estes mandem e aqueles obedeçam, e que tudo quanto assim não for será chamado subversão.

Posto diante de todos estes homens reunidos, de todas estas mulheres, de todas estas crianças (sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra, assim lhes fora mandado), cujo suor não nascia do trabalho que não tinham, mas da agonia insuportável de não o ter, Deus arrependeu-se dos males que havia feito e permitido, a um ponto tal que, num arrebatado de contrição, quis mudar o seu nome para um outro mais humano. Falando à multidão, anunciou: “A partir de hoje chamar-me-eis Justiça.” E a multidão respondeu-lhe: “Justiça, já nós a temos, e não nos atende. Disse Deus: “Sendo assim, tomarei o nome de Direito.” E a multidão tornou a responder-lhe: “Direito, já nós o temos, e não nos conhece.” E Deus: “Nesse caso, ficarei com o nome de Caridade, que é um nome bonito.” Disse a multidão: “Não necessitamos caridade, o que queremos é uma Justiça que se cumpra e um Direito que nos respeite.” Então, Deus compreendeu que nunca tivera, verdadeiramente, no mundo que julgara ser seu, o lugar de majestade que havia imaginado, que tudo fora, afinal, uma ilusão, que também ele tinha sido vítima de enganos, como aqueles de que se estavam queixando as mulheres, os homens e as crianças, e, humilhado, retirou-se para a eternidade. A penúltima imagem que ainda viu foi a de espingardas apontadas à multidão, o penúltimo som que ainda ouviu foi o dos disparos, mas na última imagem já havia corpos caídos sangrando, e o último som estava cheio de gritos e de lágrimas. No dia 17 de Abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em acção de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinqüenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou processamento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e alabardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

Pelas três horas da madrugada do dia 9 de Agosto de 1995, em Corumbiara, no estado de Rondônia, 600 famílias de camponeses sem terra, que se encontravam acampadas na Fazenda Santa Elina, foram atacadas por tropas da polícia militarizada. Durante o cerco, que durou todo o resto da noite, os camponeses resistiram com espingardas de caça. Quando amanheceu, a polícia, fardada e encapuçada, de cara pintada de preto, e com o apoio de grupos de assassinos profissionais a soldo de um latifundiário da região, invadiu o acampamento. varrendo-o a tiro, derrubando e incendiando as barracas onde os sem-terra viviam. Foram mortos 10 camponeses, entre eles uma menina de 7 anos, atingida pelas costas quando fugia. Dois polícias morreram também na luta.

A superfície do Brasil, incluindo lagos, rios e montanhas, é de 850 milhões de hectares. Mais ou menos metade desta superfície, uns 400 milhões de hectares, é geralmente considerada apropriada ao uso e ao desenvolvimento agrícolas. Ora, actualmente, apenas 60 milhões desses hectares estão a ser utilizados na cultura regular de grãos. O restante, salvo as áreas que têm vindo

a ser ocupadas por explorações de pecuária extensiva (que, ao contrário do que um primeiro e apressado exame possa levar a pensar, significam, na realidade, um aproveitamento insuficiente da terra), encontra-se em estado de improdutividade, de abandono. sem fruto.

Povoando dramaticamente esta paisagem e esta realidade social e económica, vagando entre o sonho e o desespero, existem 4 800 000 famílias de rurais sem terras. A terra está ali, diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente (quantas pessoas ao todo? 15 milhões? mais ainda?) não pode lá entrar para trabalhar, para viver com a dignidade simples que só o trabalho pode conferir, porque os voracíssimos descendentes daqueles homens que primeiro haviam dito: “Esta terra é minha”, e encontraram semelhantes seus bastante ingênuos para acreditar que era suficiente tê-lo dito, esses rodaram a terra de leis que os protegem, de polícias que os guardam, de governos que os representam e defendem, de pistoleiros pagos para matar. Os 19 mortos de Eldorado dos Carajás e os 10 de Corumbiara foram apenas a última gota de sangue do longo calvário que tem sido a perseguição sofrida pelos trabalhadores do campo, uma perseguição contínua, sistemática, desapiedada, que, só entre 1964 e 1995, causou 1 635 vítimas mortais, cobrindo de luto a miséria dos camponeses de todos os estados do Brasil. com mais evidência para Bahia, Maranhão. Mato Grosso, Pará e Pernambuco, que contam, só eles, mais de mil assassinados.

E a Reforma Agrária, a reforma da terra brasileira aproveitável, em laboriosa e acidentada gestação, alternando as esperanças e os desânimos, desde que a Constituição de 1946, na seqüência do movimento de redemocratização que varreu o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial, acolheu o preceito do interesse social como fundamento para a desapropriação de terras? Em que ponto se encontra hoje essa maravilha humanitária que haveria de assombrar o mundo, essa obra de taumaturgos tantas vezes prometida, essa bandeira de eleições, essa negaça de votos, esse engano de desesperados? Sem ir mais longe que as quatro últimas presidências da República, será suficiente relembrar que o presidente José Sarney prometeu assentar 1.400.000 famílias de trabalhadores rurais e que, decorridos os cinco anos do seu mandato, nem sequer 140.000 tinham sido instaladas; será suficiente recordar que o presidente Fernando Collor de Mello fez a promessa de assentar 500.000 famílias, e nem uma só o foi; será suficiente lembrar que o presidente Itamar Franco garantiu que faria assentar 100.000 famílias, e só ficou por 20.000; será suficiente dizer, enfim, que o actual presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, estabeleceu que a Reforma Agrária irá contemplar 280.000 famílias em quatro anos, o que significará, se tão modesto objectivo for cumprido e o mesmo programa se repetir no futuro, que irão ser necessários, segundo uma operação aritmética elementar, setenta anos para assentar os quase 5.000.000 de famílias de trabalhadores rurais que precisam de terra e não a têm, terra que para eles é condição de vida, vida que já não poderá esperar mais. Entretanto, a polícia absolve-se a si mesma e condena aqueles a quem assassinou. O Cristo do Corcovado desapareceu, levou-o Deus quando se retirou para a eternidade, porque não tinha servido de nada pô-lo ali. Agora, no lugar dele, fala-se em colocar quatro enormes painéis virados às quatro direcções do Brasil e do mundo, e todos, em grandes letras, dizendo o mesmo: UM DIREITO QUE RESPEITE, UMA JUSTIÇA QUE CUMPRE.

Anexo 2: Patativa do Assaré - A Terra é Natura, 2008.

Sinhô dotô, meu ofiço
É servi ao meu patrão.
Eu não sei fazê comiço,
Nem discuço, nem sermão;
Nem sei as letra onde mora,
Mas porém, eu quero agora
Dizê, com sua licença,

Uma coisa bem singela,
Que a gente pra dizê ela
Não percisa de sabença.

Se um pai de fãmia honrado,
Morre, dexando a fãmia,
Os seus fiinho adorado
Por dono da moradia,
E aqueles irmão mais véio,
Sem pensá nos Evangéio,
Contro os novo a toda hora
Lança da inveja o veneno
Inté botá os mais pequeno
Daquela casa pra fora.

Disso tudo o resurtado
Seu dotô sabe a verdade,
Pois, logo os prejudicado
Recorre às oturidade;
E no chafurdo infeliz
Depressa vai o juiz
Fazê. a paz dos irmão
E se ele fô justicêro
Parte a casa dos herdêro
Pra cada quá seu quinhão.

Seu dotô, que estudou munto
E tem boa inducação,
Não ignore este assunto
Da minha comparação,
Pois este pai de fãmia
É o Deus da Soberania,
Pai do sinhô e pai meu,
Que tudo cria e sustenta,
E esta casa representa
A terra que Ele nos deu.

O pai de fãmia honrado,
A quem tô me referindo,
É Deus nosso Pai Amado
Que lá do Céu tá me uvindo,
O Deus justo que não erra
E que pra nós fez a terra,
Este praneta comum;
Pois a terra com certeza
É obra da natureza
Que pertence a cada um.

Esta terra é como o Só
Que nace todos os dia
Briando o grande, o menó
E tudo que a terra cria.

O só quilarêa os monte,
Tombém as água das fonte,
Com a sua luz amiga,
Potrege, no mesmo instante,
Do grandaião elefante
A pequenina formiga.

Esta terra é como a chuva,
Que vai da praia a campina,
Móia a casada, a viúva,
A véia, a moça, a menina.
Quando sangra o nevuêro,
Pra conquistá o aguacêro
Ninguém vai fazê fuxico,
Pois a chuva tudo cobre,
Móia a tapera do pobre
E a grande casa do rico.

Esta terra é como a lua,
Este foco prateado
Que é do campo até a rua,
A lampa dos namorado;
Mas, mesmo ao véio cacundo,
Já com ar de moribundo
Sem amô, sem vaidade,
Esta lua cô de prata
Não lhe dêxa de sê grata;
Lhe manda quilaridade.

Esta terra é como o vento,
O vento que, por capricho
Assopra, as vez, um momento,
Brando, fazendo cuchicho.
Otras vez, vira o capêta,
Vai fazendo piruêta,
Roncando com desatino,
Levando tudo de móio
Jogando arguêro nos óio
Do grande e do pequenino.

Se o orguiôso pudesse
Com seu rancô desmedido,
Tarvez até já tivesse
Este vento repartido,
Ficando com a viração
Dando ao pobre o furacão;
Pois sei que ele tem vontade
E acha mesmo que percisa
Gozá de frescô da brisa,
Dando ao pobre a tempestade.
Pois o vento, o só, a lua,
A chuva e a terra também,

Tudo é coisa minha e sua,
Seu dotô conhece bem.
Pra se sabê disso tudo
Ninguém precisa de istudo;
Eu, sem escrevê nem lê,
Conheço desta verdade,
Seu dotô, tenha bondade
De uvi o que vô dizê.

Não invejo o seu tesoro,
Sua mala de dinhêro
A sua prata, o seu ôro
o seu boi, o seu carnêro
Seu repôso, seu recreio,
Seu bom carro de passeio,
Sua casa de morá
E a sua loja surtida,
O que quero nesta vida
É terra pra trabaiá.

Iscute o que tô dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,
Meça desta grande terra
Um tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu.

Anexo 3 – Breve Biografia de Patativa do Assaré. In:
<http://www.suapesquisa.com/biografias/patativa_assare.htm>.

Patativa do Assaré (Assaré, 5 de março de 1909 — Assaré, 8 de julho de 2002). Patativa do Assaré era o nome artístico de Antônio Gonçalves da Silva. Nasceu em 5 de março de 1909, na cidade de Assaré no Ceaá. Foi um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina.

Dedicou a sua vida à produção de cultura popular (voltada para o povo marginalizado e oprimido do sertão nordestino). Com uma linguagem simples, porém poética, destacou-se como compositor, improvisador e poeta. Produziu também literatura de cordel, porém nunca se considerou um cordelista. A sua vida na infância foi marcada por momentos difíceis. Nasceu numa família de agricultores pobres e perdeu a visão de um olho. O pai morreu quando tinha oito anos de idade. A partir desse momento começou a trabalhar na roça para ajudar no sustento da família. Foi estudar numa escola local com doze anos de idade, porém ficou poucos meses nos bancos escolares. Nesta época, começou a escrever os seus próprios versos e pequenos textos. Ganhou da mãe uma pequena viola aos dezesseis anos de idade. Muito feliz, passou a escrever e cantar repentes e a apresentar-se em pequenas festas da cidade. Ganhou o apelido de Patativa, uma alusão ao pássaro de lindo canto, quando tinha vinte anos de idade. Nesta época, começou a viajar por algumas cidades nordestinas, onde se apresentou como violeiro. Cantou também

diversas vezes na rádio Araripe. No ano de 1956 escreveu o seu primeiro livro de poesias, “Inspiração Nordestina”. Com muita criatividade, retratou aspectos culturais importantes do homem simples do Nordeste. Após este livro escreveu outros, que também fizeram muito sucesso. Ganhou vários prêmios e títulos pelas suas obras.

Anexo 4 - José Saramago - Escritor português. Breve Biografia.

In: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/jose-saramago.jhtm>>.

José de Sousa Saramago nasceu em 1922, em Azinhaga, aldeia ao sul de Portugal, numa família de camponeses. Autodidata, antes de se dedicar exclusivamente à literatura trabalhou como serralheiro, mecânico, desenhista industrial e gerente de produção numa editora. Iniciou a sua atividade literária em 1947, com o romance *Terra do pecado*, só voltando a publicar (um livro de poemas) em 1966. Atuou como crítico literário em revistas e trabalhou no Diário de Lisboa. Em 1975 tornou-se diretor-adjunto do jornal Diário de Notícias. Acuado pela ditadura de Salazar, a partir de 1976 passou a viver dos seus escritos, inicialmente como tradutor, depois como autor. Em 1980 alcançou notoriedade com o livro *Levantado do chão*, visto hoje como o seu primeiro grande romance. *Memorial do convento* confirmaria esse sucesso dois anos depois. Em 1991 publicou *O evangelho segundo Jesus Cristo*, livro censurado pelo governo português, o que leva Saramago a exilar-se em Lanzarote, nas Ilhas Canárias (Espanha), onde viveu até à morte. Foi ele o primeiro autor de língua portuguesa a receber o Prémio Nobel de Literatura em 1998. Entre os seus outros livros estão os romances *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *A jangada de pedra* (1986), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Todos os nomes* (1997) e *O Homem Duplicado* (2002); a peça teatral *In nomine dei* (1993) e os dois volumes de diários recolhidos nos *Cadernos de Lanzarote* (1994-7).

Morreu em 18 de junho de 2010, em Lanzarote, Espanha.

Anexo 5 - Fotografia de Sebastião Salgado: A luta pela terra: a morte espreita Eldorado de Carajás



Foto de Sebastião Salgado: A luta pela terra: a morte espreita Eldorado de Carajás. Disponível em: <<http://www.landless-voices.org/vieira/archive05.phtml?rd=DEATHSTA963&ng=p&sc=3&th=55&se=0>>. Acessado em 16.09.2014, às 16.48h.

No dia 17 de abril de 1996, 1500 camponeses ocuparam a rodovia PA-150, na altura do vilarejo de Eldorado dos Carajás em protesto contra a demora do governo federal em assentar suas famílias nas terras da Fazenda Macaxeira, onde já se encontravam já fazia vários meses. No final da tarde, o comando da polícia militar do Pará enviou tropas de dois quartéis diferentes, com fuzis e metralhadoras, que cercaram os manifestantes dos dois lados da estrada e em seguida abriram fogo, matando 19 camponeses e deixando 57 feridos. O legista Nelson Massini, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, enviado ao Instituto Médico Legal de Marabá pela Comissão de Direitos Humanos do Senado, constatou que dez das vítimas, pelo menos, foram executadas sumariamente com tiros na cabeça e na nuca. As marcas de pólvora indicam que as armas foram disparadas a curtíssima distância. Outros sete sem-terra tiveram seus corpos retalhados a golpes de foice ou facão. Pará, 1996.

In: Salgado, Sebastião (1997). *Terra*. Prefácio de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras.

(O livro foi comercializado em conjunto com o CD *Terra*, de Chico Buarque, e apresenta ainda 109 fotografias em preto e branco, tiradas entre 1980 e 1996). Disponível em:

<<http://www.landless-voices.org/vieira/archive05.phtml?rd=DEATHSTA963&ng=p&sc=3&th=55&se=0>>.